

# O QUE É GÊNERO QUEER?



Salvador, maio de 2013

acesse a última versão, baixe um formato digital livre: [coletivosafira.org/materiais](http://coletivosafira.org/materiais)

# O QUE É GÊNERO QUEER?

Marilyn Roxie

Tradução e comentário:

Juno

do Coletivo Safira



kopia, deriva, semeia!

# Sumário

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[Ressalvas](#)

[Notas da tradução](#)

[O que é "Gênero queer"?](#)

[Definindo gênero queer](#)

[Notas](#)

# Introdução

Pouco material em português, ao menos nas redes brasileiras, oferece uma explicação didática e crítica sobre as identidades gênero queer e/ou não-binárias, narrada por pessoas que pertencem a essas identidades, **traduzidas e comentadas por estas pessoas**. O material que trago aqui, mais do que uma explicação sobre nossa identidade, é uma reflexão sobre gênero, uma crítica sobre o conceito de sexo, uma dúvida sobre como podemos definir gênero queer, um questionamento sobre o quão proveitoso é deixar-se colonizar por essa identidade e uma provocação sobre como deveríamos então encarar o gênero como questão política que é.

O texto, "[What is Genderqueer?](#)", foi retirado de um dos mais proeminentes sites sobre gênero queer<sup>1</sup> dos Estados Unidos, o *Genderqueer Identities*, escrito por Marilyn Roxie, pessoa *gênero queer* que autora também a [bandeira](#) que representa estas identidades. Nascida em 1989 e morando atualmente em São Francisco (EUA), a sua perspectiva é a de muitas pessoas envolvidas com as políticas trans\*<sup>2</sup>, que começa a propor um modelo que garanta agenciamento de cada pessoa sobre sua própria identidade, e uma aceitação da diversidade de narrativas e gêneros não-binários.

Utilizo aqui a tradução "gênero queer" pois foi a tradução adotada academicamente para o termo "*genderqueer*". Muitas pessoas decidem identificar-se como genderqueer mesmo essa não sendo a tradução adotada em seus países. Obviamente, a forma como cada pessoa se identifica é da decisão dela, e qualquer observação no sentido de regular como alguém deve frasar sua identidade está indo no caminho contrário de um dos caracteres mais fundamentais dos transativismos: empoderar e agenciar as pessoas trans\*.

Interessantes observações poderiam ser feitas se analisarmos essas traduções e importações de termos identitários. Temos, por exemplo, a desconexão que pode ser causada entre a pessoa que afirma um gênero através da linguagem e a outra, que não compreende a palavra ou consegue pronunciar-la. O fato destas palavras (genderqueer, e queer) serem estrangeiras mostra como a terminologia que usamos para nos referir ao nosso gênero na nossa

---

<sup>1</sup> Pronuncia-se "cuir"; (/kwîr/, EN-US).

<sup>2</sup> Trans\*, com um asterisco, é um termo guarda-chuva para todas as identidades trans, incluindo aquelas pessoas que identificam-se fora da binária homem-mulher. ([leia mais](#))

língua é binarista<sup>1</sup> e cissexista<sup>2</sup>, mas principalmente mostra como ela foi colonizada. Alguns gêneros não estão sequer contemplados na linguagem; e o fato disto ser um impecílio para que duas pessoas comuniquem-se sobre o gênero de uma delas é especialmente notável porque o gênero antes de mais nada é uma relação entre pessoas, e [depende de ser culturalmente compreensível](#). Mas no que implica estarmos preenchendo este vazio com um conceito estrangeiro?

Podemos ver que existe algo de colonizante sobre esta importação, sobre a forma como estes termos e as estéticas racistas e capitalistas que compreendem essa não-binariedade nos chegam. O fato da Teoria Queer ser largamente desenvolvida fora, do termo (gênero) queer ser estrangeiro, da esmagadora maioria das narrativas de pessoas gênero queer que nos chegam serem ocidentais, sem sombra de dúvida corroboram para que as próprias identidades não-binárias sejam capturadas e sobrepujadas por uma ótica hierarquizada, e principalmente para que o conjunto de signos, estéticas e androginias associadas às identidades queer estejam centradas numa aparência branca e ocidental, que coloniza — mais do que nossa terra — nossos imaginários e nossas expressões de gênero. Empoderariam-nos não-normatividades brasileiras, sulamericanas, negras, nativas, nordestinas, pós-coloniais. É preciso lembrar que existem formas de subverter o gênero que não envolvem as formas brancas e ocidentais de subverter o gênero.

Marilyn oferece uma versão sumarizada do que gênero queer é:

*“Gênero queer é um termo utilizado para descrever aquelas pessoas cujo gênero não é normativo [...] ou que tornam seu gênero queer através da sua apresentação ou de outras formas.”*

Perceba que Marilyn não está definindo gênero queer como um termo guarda-chuva para identidades não-binárias. Para a sua definição, algumas identidades gênero queer podem muito bem estar dentro da binária. Esta é uma definição contestada, como tratará no texto, dando bons argumentos pelos quais **talvez não seja uma boa ideia colocar qualquer identidade em posição de contestação**, e porque é uma ideia pior ainda querer estabelecer que existam

---

<sup>1</sup> Que reforça a binária de gênero, que estabelece existirem apenas dois gêneros possíveis: exclusivamente homem ou exclusivamente mulher; e/ou os privilegia em relação aos outros gêneros.

<sup>2</sup> Ver: [O que é cissexismo](#), Transfeminismo.com.

peças gênero queer “autênticas”, pois isso necessariamente implica que há pessoas gênero queer que não são autênticas.

Ao mesmo tempo, observações interessantes partem do outro lado, que pode possuir bons motivos para não querer que pessoas cis, com identidades binárias, apropriem-se de um termo que representa mais do que um código de vestuário, muito menos se para isso têm motivos políticos instrumentalizantes que passam por cima das motivações de muitas pessoas que identificam-se como gênero queer fora da binária.

Pessoas que estão mais para este lado do debate costumam definir gênero queer desta forma:

*“Gênero queer é ter um gênero para o qual nem ‘homem’ nem ‘mulher’ é uma descrição totalmente adequada.”* ([Questioning Transphobia](#))

Talvez um esclarecimento pudesse ser feito a cerca disso se explorássemos mais profundamente a pergunta **“O que é queer?”**, antes de quisermos entender o que é gênero queer. Pessoas colocam-se como queer, identificam-se como queer, definem queer e criam comunidades e expressões de gênero queer. Estas diversas funções ao redor do termo criam para ele significados completamente diferentes porque **o significado se dá no uso**.

Algumas destas definições são:

1. um termo para pessoas que não são cis e/ou não são hetero
2. um termo para pessoas cujo gênero, sexualidade, forma de organizar relacionamentos, práticas sexuais não são normativas
3. um termo para pessoas que possuem identidades de gênero e/ou orientações sexuais que não se baseiam sobre os moldes binários
4. uma expressão de gênero que não é normativa (que destoa do que se convencionou chamar de uma expressão supostamente normal)
5. uma identidade de gênero que não é normativa
6. uma identidade de gênero que não é binária

O que isto oferece na expansão da compreensão do que é gênero queer? Como essa variedade de definições auxilia no entendimento do que queer enquanto uma identidade de gênero, mais do que como uma não-normatividade, significa? **Estes dois elementos são assim tão distintos?** Ou desaguam um no outro, como sexo e gênero?

## Ressalvas

Marilyn abre com uma enumeração das possibilidades para as identidades gênero queer. Uma lista numerada que **certamente deixará pessoas gênero queer de fora** porque seria demasiada pretensão querer englobar todas estas experiências e expressões numa lista. Embora exista um grande didatismo possível ao dar exemplos, talvez seria mais didático ainda explicar o que os une, sem esgotá-los.

No texto também se utilizam outros termos que podem ser problemáticos, como “MTF” e “FTM”. Para muitas pessoas trans\* eles podem implicar que:

1. existe um ponto X e um ponto Y, do qual se sai e ao qual se chega, onde essa experiência se esgota, termina
2. nós nascemos do sexo masculino ou do sexo feminino, e que “trocamos” isso;
3. “somos” ou “temos corpos” masculinos ou femininos;
4. que somos “isto para aquilo”, e não “aquilo”.

Evidentemente, se uma pessoa trans\* se identifica dessa forma (MTF, FTM) e não vê problemas com ela, sempre será soberana sobre como entende seu gênero e como refere-se a ele. Inclusive se essas pessoas criam uma comunidade que identifica-se largamente dessa forma. Contudo, isso não descarta a necessidade de contemplar as outras perspectivas e de problematizar terceiras, estando dentro dos limites de não contestar nem tentar autorizar a identidade alheia.<sup>1</sup>

Ao tentar definir “gênero”, Marilyn referencia um dicionário e em seguida diz que não irá se estender porque o assunto é complicado. Certamente um dicionário não é o melhor recurso para se ir ao tentar explicar gênero, mas tampouco seria ideal evitar a questão. Não surpreendentemente, a definição do dicionário é cissexista e binarista, como Marilyn toma nota. Mas até as definições de dicionário para heterossexualidade são problemáticas.

---

<sup>1</sup> “(des)Autorizar” (ou “**gatekeeping**”), refere-se aqui a utilizar-se de conceitos teóricos, médicos, religiosos, legais, etc, para tentar decidir por uma pessoa a quais requisitos ela precisa atender para identificar-se de uma determinada forma, e validar ou desvalidar sua identidade baseando-se nessas falsas autoridades sobre ela; tentar mediar seu acesso a algo (não só sua identidade) baseando-se nesses julgamentos. As ciências psi e médicas, por exemplo, frequentemente mediam o acesso das pessoas trans\* ao atendimento do Estado sobre suas demandas por terapia hormonal e intervenções cirúrgicas.

O dicionário incorre nesse problema justamente porque ele compra a noção de gênero oposta à noção de sexo, uma noção que Marilyn utiliza, para explicar algumas dicotomias, conceitos e o gênero: o "sexo" ou "sexo físico", como diz. Marilyn aqui se refere a um conceito, largamente utilizado quando se fala sobre gênero, que também recebe os nomes "sexo biológico", "sexo cromossômico", "sexo de nascença", etc. Decorrerá deste conceito alguns termos (potencialmente ofensivos) como "mulher/homem biológica/o", "mulher/homem cromossômica/o", "mulher/homem de nascença", etc.<sup>1</sup> Este conceito é utilizado, principalmente em oposição a gênero: sexo seria referente à nossa anatomia, e gênero trataria de algo em nossas mentes. Uma ideia equivocada, já que **gênero não é meramente uma experiência subjetiva de ser, mas antes disso uma relação de poder, controle e coerção.**

Afinal, todas as pessoas são biológicas, não é? Todos os gêneros, todas as pessoas são cromossômicas. De nascença, ninguém é mulher nem homem: sofremos um desígnio para um lado ou outro, mas isso não significa que **somos** algo de nascença, ou que **somos** algo biologicamente, porque os discursos da biologia, seja sobre sexo ou sobre gênero, não deixam de estar enviesados. Estes conceitos servem ao velho cissexismo em atestar que não somos completamente de um gênero, mas que retemos algo em nós, algo de biológico, inato, pré-discursivo, algo de uma categoria ontológica em nosso ser que está permanentemente irrevertido. Mas **de nascença nós não somos nada.**

Então é interessante percebermos que o conceito de sexo nada mais é do que o conceito de gênero, mas mantido por um discurso biológico, empírico, médico, contestado em outro momento, por outro campo de estudo. Ele nada mais é do que a sobra, nos formulários e nas faculdades, sobre o determinismo biológico a cerca dos nossos corpos e suas falsas dualidades. **Esse modelo essencialista é intersexista<sup>2</sup>, cissexista e machista,** e presume que existe algo de inerente em nossas anatomias que nos coloca como machos ou fêmeas, homens ou mulheres. Esse discurso essencialista rouba principalmente a identidade de pessoas trans\* porque diz que seus corpos são masculinos ou femininos, machos

---

<sup>1</sup> A melhor forma para se referir a uma pessoa cujo gênero designado é o mesmo pelo qual se identifica é usando o termo "cisgênera", (abreviação: cis) como em "homem cis" e "mulher cis".

<sup>2</sup> As pessoas intersexo são aquelas que têm em sua anatomia caracteres sexuais atípicos. Intersexismo é a noção patologizante de que nossos caracteres sexuais devem ter uma determinada aparência e morfologia padrão, inclusive à custa de cirurgias em pessoas recém-nascidas.



ou fêmeas, biológicos ou não, naturais ou não. É importante perceber que não existe essa necessidade e que **mais útil seria desconstruir e desautorizar estes discursos sobre nossos corpos.**

Para entender isto um pouquinho mais a fundo, podemos ir a Judith Butler, que em Problemas de Gênero e *Bodies that Matter*<sup>1</sup>, famosamente argumenta que o sexo é uma construção social bem como o gênero, e que estes dois podem muito bem ser a mesma coisa:

*“Talvez este constructo chamado ‘sexo’ seja tão socialmente construído quanto o gênero; aliás, talvez ele sempre tenha sido gênero, com a consequência de que a diferença entre sexo e gênero acaba sendo diferença nenhuma. Não faria sentido, então, definir gênero como a interpretação cultural do sexo, se o sexo for ele mesmo uma categoria generificada. Gênero não deve ser concebido meramente como a inscrição cultural do significado sobre um sexo pré-dado (uma concepção jurídica); gênero precisa também designar o próprio aparato de produção onde os sexos são estabelecidos. [...] Essa produção do sexo como pré-discursivo precisa ser entendida como o efeito do aparato de construção cultural designada pelo gênero.”* (Problemas de Gênero, 1990.)

*“[...] corpos somente aparecem, somente perduram, somente vivem dentro das amarras produtivas de certos esquemas regulatórios altamente generificados. [...] [sexo não é] um fato corporal sobre o qual a construção do gênero é artificialmente imposta, mas uma norma cultural que governa a materialização dos corpos.”* (Bodies that Matter, 1993)<sup>2</sup>

Ora, a ciência é uma estrutura utilizada para distribuir poder, e todo o conhecimento científico está produzido dentro de uma estrutura formada por pessoas, e talvez sua pior pretensão justamente tenha sido querer clamar ter um **acesso** à realidade empírica e, ainda pior, de que poderia transpô-la para seus artigos **exatamente como ela é**, a tal ponto que poderia dizer que o conceito “sexo biológico” é tão factual quanto nossos corpos; **que ele é nossos corpos.**

Mas a realidade não é meramente a realidade física, nem tampouco somente as palavras que usamos para nos referir a ela. Não podemos ter a

---

<sup>1</sup> Em tradução livre, “Corpos que Importam: Sobre os limites discursivos do sexo”, sem tradução no Brasil, publicado em 1993.

<sup>2</sup> Nenhum dos grifos em negrito nas citações da introdução e ressalvas é original.

pretensão de dizer que somente os corpos existem, ou somente os gêneros, mas que o próprio conceito de gênero é o entrelaçamento destes dois, e que portanto a forma como a ciência tenta conceitualizar os corpos (com o sexo biológico) nada mais é do que estas velhas categorias generificadas, socialmente construídas, intersexistas, cissexistas, machistas.

*“O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade leva-nos a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências. Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que uma coisa possua um nome e de que a chamemos montanha indica que ela é, pelo menos, uma coisa-para-nós, isto é, que **possui um sentido em nossa experiência**. [...] Não se trata de supor que há, de um lado, a coisa física ou mental e, de outro, a coisa como ideia e significação. Não há, de um lado, a coisa-em-si e de outro, a coisa-para-nós, mas o entrelaçamento do físico-material e da significação. A unidade de um ser e de seu sentido, o que faz com que aquilo que chamamos coisa seja sempre um campo significativo.” (O Que é Ideologia, Marilena Chauí)”*

O sexo biológico, para a ciência, não se trata portanto de um conceito histórico, mas ahistórico. Não sendo portanto um conceito proposto, mas uma realidade evidente, que está sendo *explicada*, que foi *descoberta* pela ciência através de seus métodos empíricos. Uma pessoa não pode *deixar de* identificar-se com um determinado sexo, pois o discurso produzido pela ciência do sexo biológico é o de que nós *somos* de um sexo determinado, e que não podemos nos desvincular. Ora, nada mais familiar a isso do que o gênero.

Toda a produção científica trata-se de construção social, e ela não deixará de vir enviesada pelo cissexismo, pelo intersexismo, pelo heterossexismo, pelo machismo. A formação de conceitos, como sexo, tem motivos de sobra para estruturar-se sobre a realidade das pessoas que estão nessa posição de poder científico. Por que com o conceito de sexo biológico seria diferente?

Podemos entrar ainda mais nessa questão com a análise histórica de Thomas Laqueur. Vamos introduzir com citação de um resumo:

*“Em suas explorações sobre o sexo biológico [em Making Sex], Laqueur ilustra as formas como a cultura afetou a ciência. Ele afirma que a sociedade é quem, de fato, define o que é biologicamente ‘natural’. [...] De*

acordo com Laqueur, **ao longo da história a ciência tem sido utilizada para distribuir poder**. A ciência tem sido uma ferramenta do opressor, que foi utilizada para ‘racionalizar’ e ‘legitimar’ distinções entre sexos, raças, religiões, classes, para o benefício das pessoas no poder. Laqueur está ilustrando as formas como a ciência tem sido utilizada para desenvolver uma hierarquia de corpos, determinando qual forma é ‘naturalmente’ superior, em uma tentativa de justificar discriminação pura.” ([Browners, Berea College](#))

Laqueur, em *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos gregos a Freud* (1992), coloca em perspectiva a questão do sexo biológico:

*“Por volta de 1800, pessoas escritoras de todos os tipos estavam determinadas a basear o que insistiam ser diferenças fundamentais entre os sexos masculino e feminino, e portanto entre homens e mulheres, nas distinções biológicas visíveis*

*[...] No século 19, assim se argumentava, a nova diferença podia ser demonstrada não somente em corpos visíveis, mas nos seus tijolinhos microscópicos. As diferenças sexuais em tipo, e não gradação, pareceram solidamente firmadas na natureza. Patrick Geddes, proeminente professor de biologia [...] utilizou a fisiologia celular para explicar o ‘fato’ de que mulheres eram ‘mais passivas, conservadoras, moles e estáveis’ enquanto homens eram ‘mais ativos, energéticos, ardentes, passionais, e variáveis.’ [...] [e] os respectivos papéis culturais de homens e mulheres, com uma audácia de tirar o fôlego. As diferenças podem ser exageradas ou suavizadas, mas para obliterá-las **‘seria necessário que a evolução acontecesse novamente com uma nova base**. O que foi decidido entre os protozoários pré-históricos não pode ser anulado por um ato parlamentar.’ Organismos microscópicos nadando na lama primordial determinaram as distinções irreduzíveis entre os sexos e o lugar de cada um na sociedade.*

*[...] O pensamento dominante, embora de forma alguma universal, desde o século 18 tem sido que há dois sexos opostos, estáveis, incomensuráveis, e que as vidas políticas, econômicas e culturais de homens e mulheres, seus papéis de gênero, são de alguma forma baseados nestes ‘fatos’. **A biologia - o corpo estável, ahistórico, com sexo dado - é entendida como a fundação epistêmica para as alegações prescritivas sobre a ordem social.**”*

Então o que é gênero, afinal de contas? Para as expressões, uma performance sem originais, que através da cópia e do desígnio se perpetua estereotipicamente? Para as identidades, um papel designado coercitivamente, que será violento com todas as pessoas que encontram desprivilégio com essa identidade designada? Para os feminismos, uma relação hierarquizada de expectativas sociais impostas e mantidas através da opressão sexista?

Se o gênero incorre nessas violências, vale a pena lutar por ele (isto é, por ele enquanto uma identidade, seja ela binária ou não) e pelo seu reconhecimento, sua legitimidade? **Se a violência é condição de existência para o gênero, não deveríamos então lutar contra ele, e desejar superá-lo e dismantelá-lo?** Não deveria ser a não-normatividade justamente a arma de subversão contra o gênero? Não seria então mais produtivo lutar por formas alternativas de viver o gênero para diluir seu poder hegemônico? O que define resistir ao gênero? Que erros podem ocorrer/ocorrem nessa resistência?

## Notas da tradução

Note que o texto é repleto de ligações para outros artigos do saite *Genderqueer Identities*. Essas ligações foram todas preservadas, mas estão em inglês.

As referências da pessoa autora do texto estão entre colchetes, logo após as palavras e os textos correspondentes, ao fim (como no original). Notas da tradução estão sem colchetes e seus textos estão logo no rodapé.

# O que é “Gênero queer”?

Marilyn Roxie

*Atualizado pela última vez em 30 de dezembro de 2011. Originalmente como um projeto para uma aula de História Americana LGBT, por Marilyn Roxie, 17 de maio de 2011. Revisado na mesma data da última atualização, indicada acima. Clique [aqui](#) para uma bibliografia de fontes utilizadas e citadas para esse projeto.*

## Definindo gênero queer

Gênero queer (ou genderqueer) é um termo que pode ser utilizado para descrever aquelas pessoas com gêneros não-normativos<sup>[1]</sup>, quer seja como um termo guarda-chuva ou propriamente como uma identidade, tipicamente incluindo aquelas pessoas que estão em uma, ou mais de uma, destas seis categorias:

1. simultaneamente homem e mulher (exemplo: pessoas andróginas)
2. nem homem, nem mulher (pessoas agêneras, neutras (neutros), sem gênero)
3. que movem-se entre dois ou mais gêneros (gênero fluido)
4. terceiro gênero ou outro gênero (inclui aquelas pessoas que preferem “genderqueer” ou “não-binário” para descrever seu gênero sem chamá-lo de outra forma)
5. tendo uma sobreposição ou interlaçamento entre gênero e orientação sexual ou sexo<sup>[2]</sup>
6. aquelas pessoas que tornam seu gênero “queer”, seja na sua apresentação ou de outra forma, podem ou não ver-se como não-binárias ou como tendo um gênero que é queer; esta categoria pode também incluir aquelas pessoas que conscientemente são políticas ou radicais em seu entendimento do que é ser gênero queer

O grupo 4 é diferente do grupo 2 porque aquelas pessoas que se identificam como nem homens, nem mulheres, tais como as pessoas neutras (neutros), podem tanto ver sua identificação como agênera (sem gênero, 2) ou como um “terceiro gênero” (4, ter um gênero identificado como “não-binário”). Perceba que o grupo 6 pode incluir aquelas pessoas que identificam-se

binariamente (homem ou masculino, mulher ou feminino), mas que tornam seu gênero “queer” na sua expressão, ou de outras formas. Pessoas genderqueer que identificam-se binariamente podem ocupar um espaço contestado em meio às identidades de gênero queer, devido a problemas de apropriação; ver também [Questioning Transphobia: Apropriação de identidades gênero queer](#) e [The Biyuti Collective: Sobre “Trenderqueers”](#) para saber mais sobre isso. Contudo, policiar as fronteiras da identidade pode ter o efeito infeliz de negar auto-identificações legítimas e criar uma hierarquia baseada na validade das identidades. Pessoas diferentes terão motivos diferentes para identificar-se como gênero queer, como mostra a lista acima: todos estes itens são importantes de serem explorados para um entendimento mais completo de gênero queer como um conceito, assim como quem se identifica como tal e por quê.

Um conjunto de definições de “gênero queer” da internet e fontes impressas pode ser encontrada em [Definições de Gênero Queer](#). Identidades associadas a gênero queer estão definidas em [Terminologia](#). A história e as aplicações políticas são discutidas em [História](#).

Se dividirmos o termo, ficamos com “gênero” e “queer”. Consultando no [Dicionário Oxford Online](#) a definição de “gênero”, uma nota de uso explica: “Sexo tende a se referir a diferenças biológicas, enquanto gênero se refere a diferenças culturais ou sociais”. Gênero, de acordo com o Oxford, está definido como “o estado de ser homem ou mulher”, apesar das comunidades gênero queer e indivíduos mostrarem que há muitas pessoas que possuem o que interpretam como uma identidade que não está restrita a uma dessas duas opções. Explicar gênero como um conceito é uma tarefa difícil já que existem tantos elementos psicológicos quanto socio-culturais trabalhando na formação de uma identidade de gênero. Definir o gênero mais profundamente é um tópico que precisarei deixar de lado aqui, uma vez que é algo demasiadamente complexo e longo para o e escopo deste projeto.

Em seguida, “queer”, que tem sido utilizado como um insulto<sup>1</sup>, e que até hoje pode ser utilizado de tal forma, mas que agora tem mais frequentemente se visto utilizar como um termo guarda-chuva para referir-se aos direitos LGBT e à teoria, como em “teoria queer”, e para referir-se a sexualidades e identidades de gênero não-normativas<sup>[3]</sup>. Algumas pessoas podem se sentir desconfortáveis com

---

<sup>1</sup> Em inglês.

o termo "queer", ou "gênero queer" [ou "genderqueer"] devido a conotações de insulto, radicalidade, ou implicações políticas das quais não compartilham.

As identidades gênero queer não possuem uma conexão de fato com o sexo físico. Podem haver nuances e laços com conceitos do sexo físico em um nível individual, então existem pessoas gênero queer não-operativas e não-hormonais (que não desejam realizar operação ou harmonizar-se), pré-operação e pós-operação, pré-hormonização e pós-hormonização. Por exemplo, uma pessoa de gênero neutro pode desejar se vestir de uma forma neutra, não identificável como masculina ou feminina, ou essa expressão pode estar acompanhada de um desejo de ["perder os traços físicos que lhes faz ser socialmente lida e tratada como"](#)<sup>[4]</sup> homem ou mulher. Com exceção de algumas pessoas no grupo 5, uma vez que orientação sexual está conectada à identidade de gênero para elas, pessoas gênero queer podem ter várias orientações: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, e assim por diante.

"Transgênero", embora frequentemente considerado um termo guarda-chuva para pessoas cuja expressão e identidade de gênero não é normativa, é um guarda-chuva que, como tal, pode incluir identidades gênero queer, [mas] é um termo que tende a ser associado com as identidades binárias de homem e mulher, tais como feminino-para-masculino (*female to male*, FTM, homem trans) e masculino-para-feminino (*male to female*, MTF, mulher trans), e com o processo de transição, física ou na apresentação, pelas vias binárias. Identificar-se especificamente como transgênero pode não expressar a identidade gênero queer ou não-binária tão claramente quanto o termo "gênero queer" o faz, o que pode fazer com que a sua própria categoria "guarda-chuva" seja diferenciada de, e misturada com, "transgênero". A professora de sexualidade e direito, Nancy J. Knauer escreveu em [Gender Matters](#) ("gênero importa", ou "questões de gênero"): Argumentando em defesa da inclusão trans (2007):

*"Em alguns círculos, o termo gênero queer tem aparecido como uma categoria guarda-chuva que se distingue devido à sua postura oposta ao gênero e à sua crítica da binária... Gênero queer reconhece que gênero é importante. Rejeita, mas não nega, a binária... Gênero queer permite a realidade do gênero, mas o declara como maleável e fluido. A identidade gênero queer sinaliza uma postura de oposição ao gênero como uma forma primária de identificação... Mesmo que você rejeite a proposição de que nós somos todas pessoas um pouco gênero queer, você ainda terá*



*que admitir que todo mundo experiencia o gênero e que de várias formas nós participamos no sistema de gênero.”*

“Não-binário” refere-se ao gênero que não é binário (nem homem, nem mulher) e possui semelhança com o termo gênero queer, embora esses dois não devam ser utilizados como a mesma coisa. Enquanto gênero queer pode incluir aquelas pessoas que são não-binárias (com exceção de quando referir-se exclusivamente a expressão/performance), nem todas as pessoas que identificam-se como não-binárias consideram-se gênero queer.

## Notas

[1]: Gênero normativo está relacionado ao conceito de heteronormatividade, que “descreve um sistema binário de gênero, no qual somente dois sexos são aceitos. Aderentes a este conceito normativo defendem que a identidade de gênero de alguém e seus papéis de gênero devem ser consonantes com sua genitália externa, e que essa pessoa deve exibir uma preferência sexual heterossexual.” Stringer, JAC. “Gênero Queer e termos Queer” Trans & Queer Wellness Initiative. 2009. Web. 15 de abril de 2011. <<http://genderqueercoalition.org/terms>>.

[2]: *Ibid.*

[3]: Meem, Deborah T, Michelle Gibson, e Jonathan Alexander. “Glossário: Queer.” Descobrindo: Uma introdução aos estudos LGBT. Los Angeles: Sage, 2010. 433. Impresso

[4]: Feldman, Stephe. “Neutrois - FAQs.” Neutrois. 1 de novembro de 2006. Web. 15 Apr. 2011. <<http://www.neutrois.com/faq.html>>.

